



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i2>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Os múltiplos desafios da biografia ao/à historiador/a

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i2.39527>

Benito Bisso Schmidt

Professor do Departamento e do PPG em História da UFRGS. Áreas: história do trabalho, história das relações de gênero, história e memória, história das ditaduras no Cone Sul, homossexualidades, teoria e metodologia da história, historiografia, história pública. bbissos@yahoo.com

Palavras Chave:

Biografia, Contexto, Representatividade, Ficção, Narrativa, Ética..

Keywords:

Biography, Context, Representativity, Fiction, Narrative, Ethics.

Palabras clave:

Biografía, Contexto, Representatividad, Ficción, Narrativa, Ética.

Resumo

O texto é um comentário sobre os artigos que integram o dossiê "Biografismo". Busca-se recuperar pontos de contato entre as diferentes abordagens, a fim de elencar aspectos fundamentais referentes às relações entre conhecimento histórico e gênero biográfico na atualidade. Os pontos priorizados são: as ligações entre indivíduo e sociedade, (incluindo-se as noções de "contexto" e "representatividade"), as tensões entre verdade e ficção na construção de narrativas biográficas e a dimensão ética associada às biografias, na qual investiguei a trajetória intelectual do general Edmundo de Macedo Soares.

Abstract

The multiple challenges of the biography to the historian

The text is a commentary on the articles that are part of the "Biographism" dossier. It seeks to recover points of contact between the different approaches, in order to list fundamental aspects regarding the relations between historical knowledge and biographical genre in the present time. The prioritized points are: the links between individual and society (including the notions of "context" and "representativeness"), the tensions between truth and fiction in the construction of biographical narratives, and the ethical dimension associated with biographies.

Resumen

Los múltiples desafíos de la biografía al historiador/a

El texto es un comentario sobre los artículos que forman parte del dossier "biografismo". Se trata de recuperar puntos de contacto entre los diferentes enfoques, en orden a la lista de aspectos básicos que se relacionan con las relaciones entre el conocimiento histórico y el género biográfico en el tiempo presente. Los puntos priorizados son: los vínculos entre el individuo y la sociedad (incluyendo las nociones de "contexto" y "representatividad"), las tensiones entre la verdad y la ficción en la construcción de las narrativas biográficas, y el plano de la ética relacionado con las biografías.

Apresento neste texto alguns comentários sobre os quatro artigos que compõem o dossiê “Biografismo” da revista “Diálogos”, os quais oferecem ao/à leitor/a um panorama diversificado de temas e problemas que estão no cerne dos debates contemporâneos referentes às articulações e tensões entre conhecimento histórico e gênero biográfico. Boa parte dessas problemáticas, como a relação entre indivíduo e sociedade, e entre verdade e ficção, ou a dimensão moral e ética da escrita de “vidas”, não são propriamente novas, ao contrário, tem acompanhado esses gêneros – o histórico e o biográfico – desde o seu surgimento quase simultâneo na Antiguidade Clássica. Contudo, ganham importância e significações diversas na atualidade quando a biografia parece (re)adquirir plena legitimidade como caminho adequado para a narração e explicação do passado. Mas sejamos cautelosos com esse otimismo! As desconfianças permanecem. Ainda há muitos historiadores/as que, por razões diversas, se mostram reticentes em apostar na biografia, talvez premidos/as por constrangimentos institucionais, mas, acredito, principalmente por associarem o gênero a formas já bastante criticadas de fazer história, vinculadas aos “vultos notáveis” e aos “grandes fatos”. Por vezes, desculpam-se dizendo que não estão interessados em estudar “apenas” a vida de um indivíduo, mas que querem articulá-la a processos e contextos sociais mais amplos. Em outras ocasiões, afirmam que não querem examinar a “vida toda” de uma pessoa, do nascimento à morte, mas sim alguns períodos de sua existência. A resposta à primeira questão poderia ser: qual biografia feita por historiadores/as na atualidade separa indivíduo e sociedade? À segunda, se objetaria: porque uma biografia tem que contar necessariamente uma vida do começo ao fim? E mais ainda: é possível narrar uma vida “toda”, ou o que se conta é sempre uma seleção, mais ou menos arbitrária, de certos acontecimentos de uma existência? De qualquer forma, o medo de ver seu trabalho ligado à “história historicizante” denunciada, de

modo quase caricatural, por Lucien Febvre (1985) nas primeiras décadas do século XX continua pairando nas cabeças de muitos/as colegas que, visando evitar tal pecha, optam por termos como “trajetória” (provavelmente à espera da “benção sociologizante” de Pierre Bourdieu (1996)) ou “percurso”. Infelizmente, portanto, ainda se faz presente o temor de Alexandre Avelar que, ao elaborar sua tese de doutorado, “dizia não fazer uma biografia”, embora reconheça hoje que estava completamente imerso nas discussões sobre o tema.

De todo modo, os textos que seguem evidenciam de modo contundente as potencialidades (e também os riscos) do empreendimento biográfico para os/as historiadores/as. São artigos muito diferentes entre si. Dois deles têm uma perspectiva mais teórica: o de Avelar, o qual busca “discutir algumas questões proeminentes do debate recente sobre o gênero biográfico, como os modos pelos quais os biógrafos produzem o enquadramento dos personagens e as tensões entre as dimensões ficcional e factual”, a partir de uma releitura de sua própria trajetória intelectual, especialmente de sua tese de doutorado; e o de Maria da Glória Oliveira, que objetiva discutir “as relações entre o gênero biográfico, a ficção e a história, através da análise do prefácio das *Vies imaginaires*, de Marcel Schwob”. Os outros dois estudos priorizam questões de caráter metodológico, ao examinarem as potencialidades e dificuldades do uso dos arquivos pessoais para a escrita biográfica: Heloisa Helena de Jesus Paulo enfoca o papel desses acervos na análise de “trajectos políticos dos exilados nos países de acolhimento” e das “redes de contacto dos exilados”, com base em pesquisa sobre os exilados portugueses republicanos na Espanha e no Brasil; já Wilton C. L. Silva, a partir de diversos exemplos retirados da bibliografia, examina os “desafios da pesquisa biográfica através de arquivos pessoais”.

São textos instigantes que evidenciam a fertilidade e os desafios da pesquisa biográfica no campo do conhecimento histórico. Em função de sua diversidade, é difícil tecer articulações entre eles, mas foi o que tentei fazer, reconhecendo certa artificialidade no empreendimento. Assim, a partir de uma leitura muito pessoal e situada no campo de minhas preocupações relacionadas ao tema, elenquei um conjunto de três problemáticas que comparecem nos artigos, com maior ou menor desenvolvimento.

A primeira diz respeito ao tema, que perpassa sob várias formas a filosofia ocidental desde, no mínimo, a Antiguidade Clássica, das relações entre indivíduo e sociedade, ação e determinação, sujeito e estrutura, voluntarismo e determinismo (para citarmos algumas designações presentes na bibliografia). Nesse sentido, Avelar, ao evocar o processo de escrita da sua tese, lembrou-se do peso da micro-história na sua formação intelectual, por isso, tratou de encarar o personagem que estudava, o general Edmundo de Macedo Soares, como um “fio condutor” ou uma “brecha” de acesso ao passado, através do qual buscava dar conta de processos históricos mais amplos relacionados, em especial, à industrialização e à política externa brasileiras, sobretudo no período Vargas. Tentava, então, identificar “caracteres de tipicidade e de singularidade” de Soares, a fim de revelar “aproximações com determinados grupos e quadros sociais e afastamento em relação a outros”. Hoje reconhece o “risco, para uma biografia” de “uma supervalorização do contexto como instância explicativa”, muitas vezes encarado como um “palco” ou uma “moldura” onde as tramas acontecem. Também destaca que, quando da realização de sua pesquisa de Doutorado, “a escolha em estudar a trajetória de Macedo Soares era facilmente justificável pela representatividade que este personagem carregava”, mas, desde a atualidade, crítica, apoiado em reflexões de Adriana Barreto de Souza, essa noção pelo fato de que ela negaria a biografia como lugar de produção de uma escrita da história.

Oliveira realiza uma leitura atenta do

referido prefácio de Schwob, considerado por ela inspirador para as discussões contemporâneas a respeito da biografia, atentando à proposta do autor de “registrar o caráter único das existências tanto de indivíduos célebres quanto dos anônimos”. Paulo, por sua vez, evidencia que abordar “a história das redes emigratórias contempla duas histórias nacionais, que compreende espaços e tempos diferenciados”. Portanto, “tal como o emigrante ou o exilado, o historiador também deve ter a habilidade de trabalhar com dois, ou mais, contextos distintos”. Por fim, Silva, de certa maneira, também aborda a questão, ao focar documentos institucionais (processos judiciais e laudos periciais, entre outros) como escritas biográficas. Diz ele: “Tal narrativa, mesmo condicionada por sua dimensão institucional, permite, entre suas dobras e emendas, uma forma de singularização do indivíduo”.

Tais reflexões apontam, como já referi acima, para uma das problemáticas centrais da escrita biográfica: a forma de “tramar” as vivências singulares com os contextos onde elas se realizaram, sem subsumi-las ao coletivo e, ao mesmo tempo, sem destacá-las dele. Por isso, concordo plenamente com Avelar quanto discute a noção de contexto, e manifesta seu temor de que esse seja tomado como uma “moldura rígida”, um “palco” onde os atores e atrizes entram depois que o “cenário” (outra metáfora recorrente quando se fala de contexto) já está formatado. O resultado, como adverte Loriga, é melancólico: “um fundo de cena fixo, sem impressões digitais” (LORIGA, 1998, p. 248).

Não há receita para encontrar a “justa medida” entre ações individuais e determinações coletivas. Talvez só na própria construção da narrativa tal questão possa se resolver (ou não), e aí, como evidencia Oliveira, a inspiração da Literatura é fundamental. Um ponto de partida talvez seja pensar o contexto como um campo de possibilidades plástico e dinâmica, onde o indivíduo elabora e transforma seus projetos,

exercendo sua liberdade, sempre social e historicamente determinada¹. Além disso, partindo da afirmação de Paulo, arrisco dizer que não só o estudo de emigrantes e exilados exige a análise de dois ou mais contextos. Mesmo os “sedentários” têm suas vidas cruzadas por múltiplos processos que entrelaçam variáveis locais, nacionais e internacionais. Mais uma vez não há fórmulas prontas, somente o *feeling* dos/as historiadores/as para dosar até onde ir no estudo e na narrativa de tais processos, de modo a transmitir ao leitor a tensão entre a vida contada e o mundo que a tornou possível.

Também a noção de representatividade evocada por Avelar me parece central a este debate. E aí me limito a enumerar algumas questões: porque, normalmente, nos restringimos à ideia de representatividade para justificar a aposta em uma biografia? A singularidade, por si só, não legitimaria a escolha de um/a personagem? Como estabelecer a representatividade? Apenas por métodos quantitativos e seriais? Alguém, individualmente, pode encarnar uma média de múltiplas variáveis? Até que ponto alguém é representativo de um coletivo maior para além, é claro, da representação política? Porque nos preocupamos mais com a representatividade quando os/as personagens são desconhecidos/as? Alguém perguntaria pela representatividade de um Getúlio Vargas, por exemplo?

O segundo aspecto que perpassa a maioria dos artigos diz respeito às tensões entre verdade e ficção na construção de narrativas biográficas, ponto particularmente sensível para a disciplina histórica que, desde a sua constituição no século XIX, e não obstante a crítica feita ao objetivismo empirista, tem na busca da verdade o horizonte epistemológico e ético de seu fazer. Neste sentido, Silva acentua a “dimensão técnica e histórico-social” da constituição dos arquivos pessoais e, com base

na noção de “biografema” de Barthes, enfatiza “a biografia enquanto criação (e não somente como representação de um real já vivido)”. Tal perspectiva é central na abordagem de Oliveira que afirma: “O jogo entre arte, ficção e realidade atravessa os escritos de Schwob e, no caso específico das *Vidas imaginárias*, assinala a defesa da biografia em sua dimensão estética e poética”, ensinamento que, para a autora, deve inspirar os/as historiadores/as biógrafos/as. Avelar, igualmente, acentua o trânsito presente na biografia, e considerado incômodo por muitos/as historiadores/as, “entre as expectativas de verdade e a fantasmagoria da ficção”. Destaca que o gênero é de grande interesse para o conhecimento histórico “exatamente por sua capacidade de desestabilizar as oposições entre o ser e o mundo, literatura e história, fato e ficção, sujeito e objeto”. Reavaliando o processo de escrita de sua tese, reconhece que “A escrita e a narração eram questões que não pareceram significativas naquele momento, e pouco me interrogava sobre como a ordenação dos capítulos se conformava a um perfil que poderia ser inteiramente subvertido se outras fossem as minhas estratégias de contar sua vida”. Paulo, por sua vez, devido ao caráter de seu texto, mais centrado em um recorte empírico singular, não chega a abordar esse tema.

Todas essas considerações remetem ao estatuto ambíguo da biografia, um “gênero de fronteira” (AGUIAR, MEIHY e VASCONCELOS, 1997) ou um “gênero híbrido” (DOSSE, 2009), praticado em vários campos de produção discursiva, como o Jornalismo, a Literatura, o Cinema, a Antropologia e a História, entre outros. Sem adentrar no difícil e amplo debate relativo ao caráter literário do discurso histórico, assinalo apenas que a biografia exige do biógrafo muita consciência de seus recursos narrativos, pois são eles que configuram o/a personagem que se quer

¹ Para as noções de “campo de possibilidades” e “projeto”, ver VELHO, 1999.

analisar. Tais recursos não dizem respeito apenas à forma, mas às próprias escolhas epistemológicas do/a autor/a. Assim, por exemplo, a utilização de *flashbacks* e diálogos, tão comum nas biografias literárias e jornalísticas, pode ser de grande valia às biografias históricas, para se expressar, por exemplo, o tempo da memória e as relações dos indivíduos com os/as seus/suas contemporâneos/as. Como fazer isso sem romper com os protocolos da operação historiográfica? O lugar acadêmico teria flexibilidade suficiente para permitir essas ousadias? Georges Duby dispensou as notas e imaginou diálogos em seu *Guilherme Marechal* (1987) e Natalie Davis (2007) permitiu-se ela própria dialogar com suas personagens do século XVII, mas isso seria possível aos/às jovens historiadores/as que escrevem suas dissertações e teses?

Por fim, o terceiro aspecto que transita nos artigos que se seguem diz respeito à dimensão ética associada às biografias. Oliveira lembra a tensão, inerente ao gênero biográfico, entre pretensão à verdade e vocação moralizante. Assim, entre os biógrafos, “o problema da verdade encontra-se suspenso frente a outras questões que o gênero põe em evidência, como a evocação da memória, a exemplaridade e a afirmação de valores morais e coletivos”. Avelar, de maneira geral, fala do desejo implícito à biografia “de compreender o outro” e, ao tratar de sua investigação sobre Edmundo de Macedo Soares, diz que muitas de suas descobertas iam de encontro “ao monumento em que sua memória se transformou”. Em suas palavras, “Tomá-lo como um pensador de uma forma autoritária de organização socioeconômica era provocar fissuras e tensões em uma matriz discursiva que estava próxima do caráter extraordinário do grande homem”. Já Paulo enfatiza que um dos “passos fundamentais para o historiador que pretende trabalhar com o exílio e, sobretudo, para aqueles que, a partir de um arquivo pessoal, pretendem reconstruir o trajecto político ou

biográfico do exilado” é “ir contra ‘heróis’ e ‘mitos’ forjados”, atributo, segundo ela, de “quem tem coragem e dados para o fazer...”. Por fim, Silva assinala que “As referências metodológicas da arquivística, em relação aos arquivos pessoais, podem causar um efeito de distorção da memória historicizada, pois sem o devido cuidado reafirmam a monumentalização dos homens notáveis, patrimonializados através de seus livros, objetos, móveis ou mesmo espaços edificadas, em contraste com uma frágil lembrança – na maioria das vezes fragmentada e reduzida à história oral – dos homens comuns”.

Tais afirmativas remetem, como disse antes, aos dilemas éticos da biografia. Por um lado, temos a tensão, seguidamente judicializada, entre “direito à informação” e “direito à privacidade”, especialmente quando se tratam de narrativas sobre pessoas famosas. Nessa perspectiva, concordo que um dos propósitos da biografia é desfazer monumentos, “desmitologizar” memórias oficiais e consolidadas a respeito dos/as personagens que analisamos, o que pressupõe, sem dúvida, muita pesquisa e, com frequência, coragem. Mas certamente não com a ideia de mostrar a “verdade” por trás dos mitos/monumentos (do tipo “a verdade nunca antes revelada sobre...”, tão comum às biografias sensacionalistas), e sim de analisar a construção histórica das narrativas mitológicas/monumentais, os/as agentes que as edificaram, as disputas nelas envolvidas, os efeitos que provocaram, as versões que foram expurgadas.

Por outro lado, não creio que devamos negar completamente o valor moral das biografias. Não se trata de reativar o *topos* da “história mestra da vida”, eixo do regime antigo de historicidade (HARTOG, 2013), o qual pressupõe a regularidade e a repetição. Mas talvez seja possível, sem abrir mão da “pretensão à verdade”, tomarmos nossos/as personagens não como modelos a serem seguidos ou evitados, mas como inspirações para criarmos novos projetos de futuro, de modo a rompermos

com o presentismo característico da contemporaneidade; como, parodiando Hannah Arendt (2003, p. 9), “iluminações” em “tempos sombrios”. Nesse sentido, me parece fundamental atentar para as “frágeis lembranças” dos “homens (e mulheres) comuns”, de modo a reforçar o compromisso político com a polifonia e com a pluralidade, de modo a ampliar o nosso repertório de referências históricas e, por conseguinte, de possibilidades futuras.

Este texto trouxe mais questões e problemas do que respostas e soluções. Sinal da fertilidade dos artigos que lhe serviram de base. Certamente os/as leitores/as, ao percorrê-los, farão outras perguntas e proporão outras chaves de leitura, evidenciando os múltiplos desafios trazidos pela biografia ao campo do conhecimento histórico

Referências

- AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe e VASCONCELOS, Sandra Guardini (orgs.). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã/Centro Angel Rama, 1997.
- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EdUSP, 2009.
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1985.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999